

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ “LITERATURA JAPONESA E LITERATURA BRASILEIRA”

Em 2015 comemoram-se os 120 anos da assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação entre Brasil e Japão, com o qual se materializa o início das relações diplomáticas entre os dois países. Sendo o Brasil o país com o maior número de imigrantes japoneses, não é de se estranhar que a cultura japonesa contribua para a formação do patrimônio cultural brasileiro. Faz parte deste patrimônio, obviamente, a literatura.

Para celebrar a integração entre as culturas e as literaturas japonesa e brasileira, foi organizado este breve dossiê, com o tema “Literatura japonesa e literatura brasileira”. Dele fazem parte três artigos e uma entrevista em que se pode ver o diálogo entre autores brasileiros (descendentes de japoneses ou não) e a cultura/literatura japonesa.

Na entrevista com o escritor Oscar Nakasato, autor do romance “Nihonjin” (palavra que significa “japonês” em língua japonesa), que foi agraciado com os prêmios Benvirá de Literatura 2011 e Jabuti 2012, o autor, descendente de japoneses, comenta, entre outras coisas, algumas de suas referências para escrever a obra – a paisagem de neve, as memórias suas e de sua mãe, os fatos (como a ação da *Shindo Renmei*, organização ultranacionalista formada por japoneses que não aceitavam a derrota do Japão na guerra) emprestados à ficção.

No artigo de Francisca Lailsa de Ribeiro Pinto (UFPB), as identidades culturais encontram-se ora em assimilação, ora em resistência, no entre-lugar do romance “O jardim japonês”, da escritora Ana Suzuki. A identidade cultural florescida no limite entre a cultura brasileira e a japonesa é representada metaforicamente pelos ipês e pelas cerejeiras. O jardim é construído: é a elaboração de um novo espaço, de uma nova identidade, com elementos de uma e outra cultura.

No artigo de Yukie Mori e Sachio Negawa (UnB), o diálogo entre o romance “O sol se põe em São Paulo”, do jornalista e escritor brasileiro Bernardo Carvalho, e a obra do escritor japonês Junichiro Tanizaki (especialmente o romance “As irmãs Makioka” e o ensaio “Elogio da Sombra”) é abordado sob o viés da intertextualidade e da interculturalidade, bem como do conceito de *Weltliteratur*, explorando como obras aparentemente tão distantes podem encontrar tantos pontos de interseção.

No terceiro e último artigo, de Virgínia Ferreira de Castro Iendo e Michele Eduarda Brasil de Sá, o diálogo conduzido diz respeito a um dos poetas mais representativos da literatura amazonense: Luiz Bacellar. Mostra-se brevemente a trajetória do haikai desde o início de sua recepção no Brasil, por poetas como Afrânio Peixoto e Guilherme de Almeida, entre outros, até a produção de haikais no Amazonas. A partir dos poemas do livro “Satori”, discute-se o *kigo* (“termo de estação”) e demonstra-se que, mais do que uma palavra que indique a estação do ano, está presente no poema uma palavra que induza à contemplação da natureza.